

A TORÁ E SUA INTERPRETAÇÃO NA HISTÓRIA

Filipe de Oliveira Guimarães¹

Resumo:

O presente artigo é uma contribuição introdutória para que possamos conhecer um pouco do processo de transformação da hermenêutica judaica como fruto da criação de novos sistemas e práticas religiosas durante a sua história. Este conhecimento nos é importante na medida em que, a partir dele, podemos compreender melhor o comportamento e cultura dos judeus na atualidade bem como conhecer melhor suas práticas em tempos remotos, o que, como consequência, nos ajudará a compreender melhor a cultura do texto bíblico.

Palavras Chaves: Torá, Talmude, Cultura, Hermenêutica, Judeus.

Abstract:

This article is a introductory contribution that makes us understand the process of transformation of Jewish hermeneutics as a result of the creation of new systems and religious practices during its history. This knowledge is important for us, because it makes us understand better the behavior and culture of Jews in the present and learn more about their practices in ancient times, which, as a consequence, will help us to better understand the culture of the text Bible.

Key Words: Torah, Talmud, Culture, Hermeneutics, Jews.

¹ Pesquisador FAPESP, mestre em Ciências da Religião e doutorando UMESp. E-mail: filipeoligui@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

Como se sentiria um judeu da época de Moisés, ou do rei Davi, se pudesse visitar Jerusalém nos dias de hoje? O que acharia se fizesse um breve passeio no meio dos seus descendentes em Tel Aviv? Certamente que a tecnologia iria espantá-lo! Mas imaginemos que não houvesse avanço científico e o cenário geográfico, tecnológico e arquitetônico fosse o mesmo de sua época, será que ele iria estranhar? Certamente que sim. O judaísmo tem passado por mutações no decorrer da história como escreveu o rabino Alfred Kolatch em seu livro intitulado “Livro judaico dos Porquês”. A Lei Mosaica tem sido interpretada e reinterpretada ao longo dos séculos pelas comunidades judaicas e tais interpretações mudado costumes, gerado costumes e tem dividido opiniões e formado grupos de oposição no meio judaico. Hoje, se pode encontrar associações ortodoxas, reformistas e conservadoras no judaísmo, e somemos a este fato aqueles que se declaram judeus mas não têm preocupação em se conduzir pela Torá.

2. BREVE DESCRIÇÃO DA TORÁ

A palavra “Pentateuco” (Chumásh) é fruto da junção de duas palavras: “pente” que significa cinco e “teuchos” cuja tradução é estojo para rolo de papiros. A ideia é que são cinco livros ou cinco papiros. O termo aponta para os cinco primeiros livros da Bíblia, também conhecidos como “A Lei”, “O livro da Lei de Moisés”, “O Livro da Lei de Deus”, e também “Torá” que significa ensinamentos. Os cinco livros que formam o Pentateuco são: Gêneses, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Juntos estes livros cobrem cerca de 3.600 anos de história (Ellisen, 1999).

O livro de Gêneses é também conhecido pelos judeus como “Bereshith”, que significa princípio, ou no princípio. Os tradutores da Septuaginta (Sec. III a.C) denominaram-no de Gêneses (origem), pois relata a origem do universo, do homem e da nação hebraica. O livro trata da soberania de Deus, da criação de Deus, da desobediência dos seres humanos, das consequências desta desobediência para o cosmos e para o homem; da misericórdia de Deus, das promessas de Deus, da ação de Deus indo ao encontro do homem para fazer aliança com ele (Bruce, 2000).

Os judeus chamam o livro de Êxodo de “We`elleh Shemoth” devido a sua primeira frase: “São estes os nomes”. Os tradutores da Septuaginta o chamaram de “Êxodo”, que

significa saída, por causa do episódio central do livro que é a saída dos judeus do Egito. O livro traz a história da vida de Moisés, desde o seu nascimento até o seu chamado miraculoso no deserto do Sinai, as pragas do Egito, a libertação dos judeus, a passagem pelo Mar Vermelho, a derrota dos egípcios no Mar Vermelho, o testemunho de Deus através dos seus feitos como supremo sobre todos os impérios, o percurso dos judeus no deserto rumo à Terra prometida, a instituição da páscoa, instruções e construção do Tabernáculo (Ellisen, 1999).

Levítico ou “Wayyiqra” que significa “chamou o Senhor” (primeira frase do livro) é um livro repleto de rituais. A Septuaginta o denominou de Levítico devido à ênfase dada ao sacerdócio, uma vez que os sacerdotes eram da tribo de Levi. Trata-se de um manual para uso sacerdotal. O objetivo do livro é orientar os judeus na busca de uma vida santa, separada para o seu Deus. Este livro busca organizar a vida espiritual da nação judaica. Nele encontramos instruções referentes ao tipo de oferta que os judeus deviam oferecer a Yahweh, instruções sobre rituais, ofertas pelo pecado, instruções para se proceder nas festividades judaicas, leis sobre alimentos, vestimentas, purificações, etc... (Bruce, 2000).

O quarto livro do Pentateuco chama-se Números que é também conhecido pelos judeus como “Wayyedabber” (falou o Senhor) ou “bemidbarth” (no deserto) devido ao seu primeiro versículo. Os tradutores da Septuaginta o denominaram de Números devido ao censo registrado nos capítulos de 1 a 3 e no capítulo 26. O livro narra a trajetória de duas gerações de Israel: Uma que pereceu no deserto por causa da desobediência e a outra que estava para possuir a terra de Canaã. Os dois grandes pecados cometidos pela primeira geração foram o da idolatria no monte Sinai e o da rebelião em Cades. Também narra a forma como o acampamento israelita estava organizado, a sedição dos irmãos de Moisés: Miriã e Arão, a rebelião de Coré, a arrancada final para Canaã. (Halley, 1998).

O último livro do Pentateuco é chamado pelos judeus de “Elleh Haddevarim” ou “Devarim”, que recebeu o nome de Deuteronômio na Septuaginta. “Elleh Haddevarim” significa “são estas as palavras” ou “palavras”. Os tradutores da Septuaginta o denominaram Deuteronômio por entenderem que se tratava de uma segunda Lei ou repetição da Lei. Segundo a tradição, este livro foi escrito por Moisés com o objetivo de preparar a nação judaica para viver em Canaã. Trata-se do principal livro teológico do Antigo Testamento como disse Ellisen (1999). De todos os livros do antigo testamento este é o mais citado no Novo Testamento, inclusive o mais citado por Jesus Cristo. Nele encontramos uma série de

cinco discursos de Moisés que teriam sido proferidos em 1º de fevereiro de 1405 a.C. defronte do mar de Sufe, no deserto, na Arabá, conforme o registro de Deuteronômio 1:1-3, e conforme a tradição conservadora interpretativa.

A tradição judaica afirma que estes livros foram escritos por Moisés entre os anos de 1440 – 1405 a.C. Porém esta tradição começou a ser questionada por críticos no século XVII d.C., sem, contudo, obter sucesso. Segundo Ellisen (1999), rejeitar a autoria de Moisés é ir de encontro ao testemunho universal dos escritores bíblicos, bem como a toda tradição histórica judaica e cristã.

Estes livros são de uma importância incalculável tanto para judeus como para cristãos de tradições mais conservadoras, pois através deles pode-se conhecer o *relato cósmico* (a crença criacionista que faz parte da fé cristã e judaica); o *relato étnico* (descrição do começo e da expansão racial no mundo); o *relato histórico* (estes livros são os únicos livros religiosos a tratar de uma maneira profunda e contínua a origem do homem e seus descendentes em uma sequência histórica); o *relato profético* (os livros apontam para a vinda de um Messias que viria para Reinar e salvar o seu povo escolhido).

3. A INTERPRETAÇÃO DA TORÁ NA HISTÓRIA

“a Lei judaica nunca foi estática; ela continuou mudando e crescendo em cada geração”

(Kolatch, 1981)

Kolatch afirma que para os judeus da atualidade a Lei Mosaica não se constitui como a única fonte dos costumes judaicos – ela é o fundamento, porém não a estrutura. Kolatch diz que os rabinos estão cientes da influência dos costumes locais na formação da conduta do povo judeu (Kolatch, 2007).

Os estudiosos da Torá nem sempre estiveram de acordo com a interpretação da mesma. Uma breve leitura dos evangelhos nos revela que nos tempos de Jesus Cristo já existiam divergências de opiniões acerca de seus ensinamentos. Um exemplo clássico está registrado nos evangelhos e revela a divergência de opiniões existente entre saduceus e fariseus. Ambos eram grupos de religiosos que em vários pontos da Lei possuíam interpretações bem divergentes.

O apóstolo Paulo, quando foi preso no fim de sua terceira viagem missionária e foi levado ao Sinédrio, consciente que o mesmo era composto de fariseus e saduceus, buscando conseguir apóio falou que o motivo de sua prisão era assuntos relacionados a questões doutrinárias. O episódio se encontra registrado em Atos 23.6-10:

Sabendo Paulo que uma parte do Sinédrio se compunha de saduceus e outra, de fariseus, exclamou: Varões, irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseus! No tocante à esperança e à ressurreição dos mortos sou julgado! Ditas estas palavras, levantou-se grande dissensão entre fariseus e saduceus, e a multidão se dividiu. Pois os saduceus declaram não haver ressurreição, nem anjo, nem espírito; ao passo que os fariseus admitem todas essas coisas. Houve, pois, grande vozeria. E, levantando-se alguns escribas da parte dos fariseus, contendiam, dizendo: Não achamos neste homem mal algum; e será que algum espírito ou anjo lhe tenha falado? Tomando grandeza a discussão, temendo o comandante que fosse Paulo espedaçado por eles, mandou descer a guarda para que o retirassem dali e o levassem para a fortaleza. (Bíblia Genebra, 1999)

O relato nos mostra com clareza que os saduceus interpretavam a Lei judaica de um modo que não enxergavam nela questões relacionadas a ressurreição, anjo ou espírito, ao passo que os fariseus criam em todas estas doutrinas.

No século primeiro da era cristã encontramos duas escolas rivais. Existiam aqueles que eram discípulos de Hilel e os que eram discípulos do rabino Shamaí. Ambas as escolas diferiam em centenas de pontos a respeito da Lei judaica. As duas escolas encontravam-se tão distintas nos seus pensamentos e observâncias que está registrado no Talmude o temor que havia na época de que a Torá acabasse virando duas Torot (Kolatch, 2007).

Nos cinco primeiros séculos de nossa época, houveram intensos movimentos que buscaram dar explicações à Torá. Movimentos que podemos observar em forma de períodos, que iremos denominar de: período tanaítico, período amoraítico, período talmúdico, período gaônico, período da idade média e período da idade moderna e contemporânea:

Período Tanaítico	Período Amoraítico	Período Gaônico	Período da Idade Media	Período da Id. Mod. E Cont.
0 – 220 d.C.	220 – 470 d.C.	470 – Sec VII	Sec VII - XVI	XVII ...

3.1 Período Tanaítico

Vai do século primeiro d.C. até o ano 220 d.C. Os nomes deste período foram estudiosos que deram continuidade aos debates iniciados por Hilel e Shamaí. Nomes como Rabi Akiva (40 -135), Rabi Yishmael (século II) e Rabi Iehudá Há-nasi (135 – 220) são considerados como os principais tanaím (aquele que estuda) do período. Este último reuniu o resultado destes estudos, debates e decisões, fez uma edição e resumo. E desde então teve origem a **Mishná** (estudar ou revisar), que é considerada a fonte autoriza da Lei judaica, o escrito mais importante depois da Lei (Kolatch, 1981).

3.2 Período Amoraítico (ou período Talmúdico)

De 220 d.C até 470, a Lei judaica sofreu outros processos interpretativos que deu origem a novos costumes. Os amoraím (porta-vozes) foram estudiosos que se dedicaram ao texto da Mishná e acrescentaram os seus comentários e interpretações. Isto deu origem a dois talmudes (instrução, ensino). As discussões e leis dos amoraím babilônicos ao lado da própria Mishná foram reunidas e surgiu então aquele que ficou conhecido como **Talmude Babilônico**. Os pontos de vista dos amoraím da terra de Israel junto com a Mishná foram reunidos no que ficou conhecido como **Talmude de Jerusalém**. Destes o mais respeitado é o Talmude da Babilônia, pois o seu fechamento se deu mais tarde do que o de Jerusalém, dando ensejo a um estudo mais profundo (Kolatch, 2007).

3.3 Período Gaônico

Após o período talmúdico, seguiu-se o período gaônico (gênios). Estes foram estudiosos que se destacaram nas cultas academias da Babilônia chamadas de Sura e Pumpedita. Suas opiniões e interpretações textuais eram preciosas para os séculos seguintes. Eles introduziram tacanót (normas) sobre assuntos não abordados especificamente pelo Talmude (Kolatch, 2007).

A partir do século VI, à medida que grupos de judeus se afastavam dos centros de estudo da Terra de Israel, bem como da Babilônia, os costumes antigos mudaram e novos passaram a vingar. Os costumes locais diferiam e eles possuíam o peso de uma lei. O que significa a existência de vários tipos de judaísmo que ganhavam feições locais.

3.4 Período da Idade Média

No período da Idade Média (séc. VII ao XVI) vários estudiosos escreveram comentários sobre a Torá e o Talmud e seus escritos foram usados como base para interpretações legais buscando obter decisões práticas. Um grande nome deste período foi o judeu Rashi que viveu na França. No século XII muitas autoridades rabínicas estavam preocupadas com o efeito da diversidade de opiniões e interpretações do judaísmo. Neste momento histórico inicia-se um movimento buscando a uniformidade judaica. No século XV o rabino alemão Jacob ben Moisés mais conhecido como “Maharil” consegue unificar mais o judaísmo. Uma parte da diversidade foi restringida com a publicação de um livro seu que estabelecia padrões para as práticas na sinagoga e na comunidade judaica.

No século XVI, um judeu chamado Josef Caro, criou o Shulchan Arúch (Código da Lei judaica), que se tornou um documento oficial da lei judaica até os dias de hoje. A princípio esta obra sofreu resistência dos judeus alemães e poloneses, uma vez que não condiziam com certas práticas destes grupos. Porém, o problema foi resolvido quando Moisés Isserles fez suas observações ao Shulchan Arúch (Kolatch, 2007). O Shulchan Arúch a pesar de trazer uma unidade mais consistente ao judaísmo, não o uniformizou. Havia comunidades judaicas na Ásia, África e Europa, cada qual com características, traços físicos, pratos, hábitos alimentares e idiomas próprios que não perderam os seus costumes mesmo diante da Shulchan Arúch.

3.5 Período da Idade Moderna e Contemporânea

Neste momento histórico, o movimento reformista que surge principalmente nos EUA provoca outras mudanças no judaísmo, gerando novas atitudes e costumes. Movimentos como este continuam a introduzir mudanças dentro da comunidade judaica, o que dá ao judaísmo este status dinâmico. Um exemplo de mudança ocorrida neste período foi a introdução do Bar-Mitsvá - cerimônia que comemora a idade adulta do menino aos 13 anos; Bat-Mitsvá - cerimônia que comemora a idade adulta da menina aos 12 anos; e a cerimônia de

Confirmação que ocorre todo ano e foi introduzida no século XIX. Nesta cerimônia os meninos e meninas entre 13 e 16 anos confirmam sua lealdade ao judaísmo.

4. CONCLUSÕES

Certa vez um professor fez uma piada sobre judeus perguntando aos alunos: “você sabem por que os homens judeus andam com a cabeça baixa o tempo todo?”. A maioria da turma respondeu que não sabia enquanto outros tentaram dar alguma resposta ao professor, mas ninguém acertou. O professor então responde: “É porque as mulheres é quem mandam neles!”. A turma caiu na risada. Este foi um momento de descontração em uma aula sobre judaísmo na qual eu estava presente. O fato é que se pode ver homens que fazem parte do judaísmo ortodoxo andando com a cabeça baixa e as mãos atrás das costas, porém o motivo não é este. Esta postura acontece porque existe uma proibição no Talmude contra andar mais de dois metros, em uma posição vistosa ou ereta, que é tida como insolente.

Este fato, entre outros, salienta a realidade de que o judaísmo tem se transformado. Algumas de suas práticas fazem apologia às atitudes gentílicas, outras são frutos da adesão à cultura dos gentios. Por exemplo, o Talmude sugere que os judeus enlutados não calcem sapatos pretos por se tratar de uma prática originária entre os gentios. Os judeus cobrem a cabeça nos serviços religiosos porque os cristãos não cobriam. Um exemplo que nos mostra o oposto (judeus sendo influenciados pelos gentios) é a superstição romana de calçar primeiramente o sapato direito. Esta superstição gerou no judaísmo uma prescrição de que o judeu calce primeiro o seu sapato direito pela manhã. Esta orientação está registrada no Shulchan Arúch (Kolatch, 2007).

Chegamos ao final deste artigo afirmando que a interpretação da Torá na história nunca foi estática e ao que parece nunca será. Podemos afirmar que cada época é a época de se conhecer um novo judaísmo. A medida que novos escritos foram surgindo, novas interpretações foram dadas, novas práticas foram adotadas e mudanças culturais aconteceram e seguem acontecendo. O que conhecemos sobre o judaísmo atualmente pode ser chamado de judaísmo do século XXI, que trás consigo toda a herança de escritos dos judaísmos passados e as interpretações de seus famosos mestres.

Este conhecimento serve para imbuir o exegeta ou hermeneuta de cuidados na hora de interpretar o texto Bíblico. Alguns cometem o equívoco de transpor a cultura judaica presente

para o texto bíblico, o que muitas vezes provocará compreensões equivocadas das narrativas. O ideal é que se busque ao máximo compreender o texto com base na cultura e época história em que foi escrito, para que obtenhamos respostas mais precisas do mesmo.

Concluimos com as palavras do Rabino Alfred Kolatch que resumem bem as mudanças que têm ocorrido no judaísmo no que se refere à interpretação da Torá. Ele disse: *“Se um judeu da geração de Moisés, Salomão ou Judá, o Macabeu, estivesse vivo hoje, ele ficaria bastante confuso ao observar nossa conduta religiosa”*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ELLISEN, Stanley. *Conheça melhor o Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Vida, 1999.

HALLEY, Henry. *Manual Bíblico de Halley*. São Paulo: Editora Vida, 1998.

KOLATCH, Alfred. *Livro Judaico dos Porquês*. São Paulo: Sêfer, 2007.

WILKINSOW, Bruce. *Descobrendo a Bíblia*. São Paulo: Candeia, 2000.

Bíblia de Estudo de Genebra. São Paulo: Cultura Cristã; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.